

Freio ao Progresso

JORNAL DO BRASIL

A moratória da dívida externa e a economia autárquica que o isolacionismo xiita impôs ao PMDB estão surtindo seus efeitos. Um deles é o freio nos investimentos da Petrobrás, porque não há poupança interna suficiente para continuar alimentando a pesquisa e produção de petróleo, nem se querem novos contratos de risco, nem capital externo ou *joint-ventures* na economia brasileira.

É preciso a fatalidade do tempo e a frieza dos números para que todos nós, brasileiros, nos convençamos dos preços a pagar pelo isolacionismo. A cultura nacional, impregnada pelos preconceitos que as facções radicais dos partidos políticos foram nos impondo, pendeu ultimamente para um forte protecionismo. Não estamos sós no mundo nesse aspecto, mas a nossa originalidade é muito pior que a dos outros, que quase sempre se limitam a colocar barreiras comerciais, mas mantêm abertas as fronteiras para os capitais e os investimentos ou associações e *joint-ventures*.

O isolacionismo brasileiro produz apenas o atraso. Ao fecharmos as portas para o capital estrangeiro e devorarmos a poupança para financiar os déficits públicos ou projetos faraônicos, terminamos atacando o centro de gravidade da nossa própria independência em um setor mais que estratégico: a produção de petróleo.

Sem poder aumentar ainda mais os preços dos combustíveis e sem ter onde buscar dinheiro em um estado falido, a Petrobrás vem de anunciar um corte de 500 milhões de dólares no programa de investi-

mentos para este ano. O que dirão os xiitas diante dos resultados de sua estratégia? Foi a falta de petróleo que nos levou à atual dívida externa. Tudo começou com a alta violenta nos preços dos combustíveis depois das crises da década de 70, que terminaram com pressões sobre os juros e uma bola de neve infernal para as nações devedoras. Na raiz desta crise está o Estado desprevenido que a Petrobrás não atendeu porque desviou seus investimentos para as áreas onde a iniciativa privada poderia perfeitamente ocupar espaços, com refinarias e petroquímicas. Ao nos deixar sem óleo, a empresa nos deixou vulneráveis e dependentes. O produto nos cortes dos investimentos pela nova guinada protecionista não será mais independência. Será mais dependência e mais vulnerabilidades na edificação de uma nação forte. O produto líquido disso tudo é a desnacionalização da economia brasileira e não o que se quer vender aos brasileiros com a retórica protecionista. Ao lado da desnacionalização vem a recessão: as empresas produtoras de bens de capital já estão trabalhando com 40 por cento de capacidade ociosa e podem chegar aos 50 por cento graças aos cortes nos investimentos da Petrobrás. O que farão as máquinas - ferramentas paradas? Uma nação mais forte ou mais fraca? Mais nacionalizada ou mais vulnerável e fácil de desnacionalizar na concorrência com os países mais desenvolvidos e industrializados? O produto da xenofobia é pouco inteligente, para não usar adjetivos mais duros. Só o tempo, infelizmente, demonstra o preço que o povo e a nação têm que pagar.